

Grupo de Lula tenta retomar comando

Moderados pretendem exigir a rendição do partido no Rio, durante reunião do diretório nacional

MARIA INÊS NASSIF,
HELIO GAMA NETO
e WILSON TOSTA

Os grupos moderados do PT e o candidato à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, deflagraram uma ofensiva para retomar o controle do partido, dividido ao meio desde o ano passado, quando o presidente nacional, José Dirceu, foi reconduzido por uma pequena margem de votos, contra o candidato da esquerda.

Refratários às tentativas de entendimento com outros grupos, Lula e Dirceu amanheceram o dia de ontem, o primeiro da reunião do diretório nacional, com a disposição de exigir a rendição incondicional do PT do Rio, pivô da última crise. "Ou Lula sai candidato numa aliança ou o PT arruma outro candidato", afirmou Dirceu no início da tarde, reiterando a exigência de que o diretório do Rio retire a candidatura de Vladimir Palmeira ao governo para que Lula continue candidato a presidente.

O PT do Rio, no dia 26, decidiu lançar o radical Palmeira, contrariando a orientação nacional de apoiar o pedetista Anthony Garotinho. A decisão provocou o rompimento do PDT com a aliança nacional – e o apoio dos outros partidos de esquerda e, se possível, até de centro, era a condição imposta por Lula para ser candidato a presidente pela terceira vez. Ele passou a exigir do partido a anulação da decisão do encontro estadual, sob pena de desistir da eleição.

Às 16h45, depois de montada toda a estratégia de guerra que permitiria aos moderados ganhar pelo voto a maioria do diretório – e após sucessivos adiamentos do início da reunião –, Lula cedeu pela primeira vez aos setores que trabalhavam pelo entendimento e reuniu-se com Palmeira e os delegados do Rio. Segundo o deputado Arlindo Chinaglia (SP), um dos que tentaram evitar o confronto durante toda a se-

mana, o encontro foi cordial, teve até brincadeiras, mas o impasse não foi superado.

Quando começou a reunião do diretório, às 18h30, Lula mantinha a posição de exigir a retirada da candidatura de Palmeira para manter a sua. Ele reconheceu como legítima – isto é, sem vícios – a decisão do encontro do Rio, mas ressaltou que ela prejudicou a frente de partidos que apoiava sua candidatura. "É a primeira vez que vejo Lula irredutível", observou o deputado Jacques Wagner (BA). Palmeira reiterou que a decisão do Rio era legítima e devia ser respeitada pelo diretório nacional.

"Há uma boa disposição para a negociação, mas ela é muito difícil", afirmou Palmeira, após a conversa. De fato, até que a reunião fosse iniciada, as tensões entre uma e outra posição atingiram seu ápice. Quando começou, aumentou o número de pessoas e tentativas de acordo. Oficialmente, foram apresentadas ao diretório três propostas: de oferecer à frente nacional – portanto ao candidato a presidente – dois palanques no Rio, rejeitada por Lula; de anular a decisão do Rio, rejeitada por Palmeira; e de desautorizar politicamente o Rio sem anular oficialmente sua candidatura, deixando a decisão para o encontro nacional – rejeitada por Lula e Palmeira.

Informalmente, surgiram três propostas de conciliação. O deputado Tilden Santiago (MG), independente, sugeriu que os partidos indicassem seus candidatos estaduais à direção nacional da aliança, que escolheria um deles. A idéia, na prática, eliminaria a candidatura de Palmeira. A segunda era que os partidos fossem submetidos às frentes estaduais – o que no caso do Rio daria empate, mantendo o impasse. A terceira, do deputado José Genoíno, era de decisão política.

Lula apenas manteve uma pe-

quena abertura para a proposta de submeter as candidaturas à frente nacional. "Seria uma rendição disfarçada do Rio", analisou um aliado da esquerda.

Dois palanques – Ontem, antes da reunião do diretório, os grupos do PT dividiram-se. Lula, Dirceu e a Articulação prepararam o que a esquerda chamou de "tratorada". Após a contagem de votos, na véspera, resolveram por garantia ampliar a margem de segurança. Lula entrou em campo: reuniu-se com os líderes de cada tendência de esquerda e deixou claro que estaria fora da eleição se o diretório nacional não desautorizasse o do Rio.

Os grupos de esquerda que, no decorrer do dia, não foram convencidos a mudar de lado, afinaram o discurso, apresentando como solução intermediária dar ao candidato a presidente dois palanques no Rio – o do PT e o do PDT. "Aqui em São Paulo Lula apenas subirá no palanque da Marta (Suplicy), mas lá eu aceito que ele suba no palanque do meu adversário", ironizou Dirceu. "A proposta não é uma solução para o impasse, mas a vitória da posição de Palmeira", avaliou o líder na Câmara, Marcelo Déda (SE).

A alternativa dos dois palanques foi levantada, no decorrer da semana, mas os moderados nem sequer aceitaram discuti-la. Desde a decisão do Rio, Lula fixou-se na exigência de desautorização do diretório fluminense pelo nacional, sem subterfúgios ou adiamentos – uma das tentativas de conciliação previa a transferência da decisão para o encontro nacional, cuja reunião, marcada para junho, o diretório deve antecipar para dias 23 e 24.

"Seria um desastre manter a aliança nacional paralisada mais 15 dias por causa do Rio", afirmou o líder no Senado, José Eduardo Dutra (SE). A justificativa dos par-

tidários de Lula era a de que a decisão do diretório já apontaria para a aliança – composta pelo PSB, pelo PC do B e pelo reticente PDT – o controle de Lula sobre o partido, que fatalmente viria a ser reiterado pelo encontro.

Trator – Ontem, quando Lula atendeu os setores que tentavam reabrir a negociação e reuniu-se com Palmeira, a esquerda do partido já estava virtualmente derrotada. A Articulação, grupo majoritário que sustenta Dirceu na direção nacional, passou até a meia-noite de quinta-feira fazendo a contagem dos votos que teriam, se provocassem a votação. Concluíram que venceriam, por uma pequena margem. A disposição era até de provocar a divisão do partido, se fosse necessária para garantir a Lula o controle sobre a sigla e redimir-se perante os aliados, em especial o presidente do PDT, Leonel Brizola.

A conversa com Brizola, aliás, logo após a convenção do PT do Rio, foi determinante para a radicalização de Lula, habituado a políticas de conciliação no partido. Segundo petistas próximos a ele, causou-lhe especial mal-estar ouvir do presidente do PDT a acusação de que não tinha controle sobre o PT. "Eu vou lá em Porto Alegre, dou um grito e garanto o apoio do PDT ao PT, e você não é capaz de controlar um bando de 40 no Rio", teria dito Brizola. A partir de então, Lula passou a reclamar internamente que havia sido desmoralizado pelos radicais do Rio e a exigir medidas reparadoras de sua imagem.

O golpe sobre o amor próprio de Lula foi entendido pelos radicais e pelos setores envolvidos em tentativas de entendimento. "Lula não foi desmoralizado", defendeu o deputado Ivan Valente (SP), um dos representantes dos radicais.

Do lado da esquerda, o discurso que seria apresentado ao diretório, e foi treinado nas sucessivas entrevistas, era o de que a anulação da decisão do Rio feria a tradição de democracia interna do PT. Palmeira chegou até a radicalizar. "Estão querendo voltar ao stalinismo", afirmou. "Se Lula quiser renunciar, a responsabilidade é dele."



ACORDO
COM OUTRAS
TENDÊNCIAS É
DESCARTADO